



Razão neoliberal na universidade: O sofrimento psíquico dos estudantes e as práticas do comum como resistência

Palavras-Chave: universidade, razão neoliberal, comum

Estudante: Camila Rebastini (RA: 168183)– IE Unicamp

Orientadora: Prof.^a Adriana Nunes Ferreira – IE Unicamp

1. INTRODUÇÃO E HIPÓTESE

As universidades enfrentam uma crise de saúde mental entre seus estudantes, manifestada aumento de casos de depressão, ansiedade, pânico, insônia, desamparo, desmotivação, solidão e pensamentos suicidas (Rodrigues et al., 2022). A Pesquisa da ANDIFES e FONAPRACE (2018) destaca que problemas emocionais afetam 23,7% do desempenho acadêmico, superados apenas por dificuldades financeiras (24,7%) e falta de disciplina/hábito de estudo (28,4%). Estes fatores interligados agravam a situação, refletindo uma pressão intensa sobre o sucesso acadêmico, sintoma da razão neoliberal que permeia a sociedade e as instituições de ensino.

Na Unicamp, embora a universidade promova a diversidade e inclusão em seu discurso oficial, a realidade interna reflete uma ênfase no sucesso individual e produção quantitativa de material acadêmico. Como afirmou Laval (2019), "o [atual] sistema educacional serve à competitividade econômica, é estruturado como um mercado e deve ser gerido como uma empresa" (LAVAL, 2019, p. 25). Essa perspectiva utilitarista compromete os objetivos clássicos de emancipação política, desenvolvimento pessoal e transmissão de valores sociais.

A crescente demanda por políticas de permanência e adaptações curriculares revela a transformação no perfil social dos estudantes da Unicamp. O neoliberalismo na educação intensifica a busca pelo enriquecimento individual na iniciativa privada, com professores e um sistema acadêmico focados em produtividade quantitativa. Essa situação exacerba o adoecimento psíquico dos estudantes, evidenciado pela alta procura por atendimento psiquiátrico e psicológico no Serviço de Assistência Psicológica e Psiquiátrica (SAPPE).

Partindo da premissa de que o neoliberalismo - entendido, segundo Dardot e Laval (2016) como a "nova racionalidade", correspondente à atual fase do modo de produção capitalista - gera sofrimento mental em todas as esferas da vida humana, em especial dos grupos marginalizados socialmente que se sentem incapazes diante das expectativas sociais de sucesso individual, o presente projeto tem como objeto de estudo o cenário específico e hodierno da Universidade Estadual de Campinas. A hipótese de trabalho aqui adotada é que a universidade exerce sobre os estudantes duas forças contrárias: por um lado, atua como um dispositivo que reproduz a razão neoliberal no dia a dia dos estudantes, adoecendo-os psiquicamente; por outro, é um locus de experiências do comum, gerando mecanismos de

resistência a tal racionalidade com base em coletivos políticos e atividades horizontais e solidárias.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para analisar o adoecimento mental dos estudantes da Unicamp e as formações coletivas que contrarrestam essa tendência, é crucial entender os conceitos de “razão neoliberal” e práticas do “comum”. A “razão neoliberal” descreve indivíduos como empresários de si mesmos, submetendo as relações humanas à busca do lucro máximo. Pierre Dardot e Christian Laval (2016) destacam que a universalização da norma da concorrência afeta não apenas o Estado, mas também os indivíduos, que passam a se autogerir conforme os princípios da governamentalidade empresarial (DARDOT; LAVAL, 2016). Isso leva à intensificação do trabalho e ao enfrentamento constante de riscos, fragilizando laços de solidariedade social. Nas palavras dos autores, “a figura do ‘cidadão’ investido de uma responsabilidade coletiva desaparece pouco a pouco e dá lugar ao homem empreendedor” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 374).

No contexto educacional, Christian Laval (2019) argumenta que o sistema educacional, estruturado como um mercado, promove o sucesso pessoal dos estudantes enquanto ignora as amarras sociais que permeiam suas trajetórias. “O sistema educacional serve à competitividade econômica, é estruturado como um mercado e deve ser gerido como uma empresa” (LAVAL, 2019, p. 23). A educação torna-se um indicador de competitividade econômica, priorizando a eficiência produtiva e a inserção profissional sobre a transmissão de valores sociais, culturais e políticos. Essa transformação é visível na Unicamp, onde a exigência de resultados e inovações contínuas exemplifica o impacto do neoliberalismo na educação (LAVAL, 2019).

Em contrapartida, a obra “O Comum: um ensaio sobre a revolução no século 21” (2021) de Dardot e Laval propõe uma visão alternativa. O “comum” é uma relação coletiva com diversas coisas, fundamentada na atividade política e na co-obrigação social (DARDOT; LAVAL, 2021). Silvia Federici (2019) amplia essa visão, destacando o “comum” como um ponto de convergência entre diferentes correntes ideológicas, promovendo cooperação social e recusa em basear a vida no sofrimento alheio. Federici afirma que “nenhum comum é possível a menos que nos recusemos a basear nossa vida e nossa reprodução no sofrimento dos outros” (FEDERICI, 2019, p. 317). Portanto, o “comum” representa uma forma de organização e ação que rompe com os interesses econômicos dominantes, promovendo a solidariedade e a cooperação social. Dardot e Laval (2017) e Federici (2017) veem no “comum” uma abordagem disruptiva e essencial para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

3. METODOLOGIA

A presente iniciação científica é um estudo de caso baseado em diversas referências bibliográficas, utilizando metodologias qualitativas para explorar o adoecimento mental dos estudantes da Unicamp e as práticas coletivas que podem mitigar essa situação.

Inicialmente, foi realizada uma sistematização e leitura crítica do referencial teórico obrigatório, mapeando obras relevantes para compreender a relação entre “razão neoliberal” e “comum”. Esse passo garantiu uma base sólida para a análise subsequente.

A entrevista semiestruturada, conforme Manzini (2004), é uma metodologia qualitativa com um roteiro flexível, permitindo ao entrevistado discorrer livremente sobre as questões. Triviños (1987) apud Manzini (2004) destaca que essa abordagem proporciona uma

compreensão mais profunda do fenômeno estudado, apesar de captar apenas a percepção individual dos entrevistados. O roteiro de entrevista foi desenvolvido em etapas, iniciando com o contexto universitário, passando pelo sofrimento psíquico e finalizando nas práticas do comum.

A técnica de amostragem por bola de neve, segundo Vinuto (2014), envolve cadeias de referências, começando com informantes-chave que indicam novos potenciais entrevistados até alcançar a saturação. Essa metodologia permite acessar questões delicadas, embora possa limitar a variabilidade de narrativas. Foram coletadas 7 entrevistas de cerca de uma hora cada, com estudantes social e demograficamente diversos, abrangendo diferentes institutos, estados, etnias, gêneros e orientações sexuais, contribuindo para uma compreensão abrangente do tema.

Durante as entrevistas, evitou-se o uso de jargões acadêmicos e classificações médicas para assegurar que todas as questões fossem compreendidas plenamente pelos entrevistados. O ambiente acolhedor buscou não influenciar ou desencorajar respostas, tratando tópicos sensíveis com empatia.

As entrevistas foram transcritas em formato não-naturalista, centrando-se no conteúdo verbal (Azevedo et al., 2017 apud Guazi, 2021). As respostas foram organizadas de acordo com a hipótese de pesquisa, permitindo a identificação de padrões e pontos de convergência ou divergência. Essa abordagem facilitou a análise comparativa e a identificação de temas recorrentes.

Por fim, uma linha argumentativa foi elaborada para articular as percepções dos estudantes com a literatura e os conceitos teóricos. As entrevistas semiestruturadas forneceram excertos que fundamentam ou ilustram as análises, conforme Guazi (2021), permitindo discutir os padrões observados à luz das referências teóricas.

4. RESULTADOS

A Unicamp tem vivenciado uma mudança significativa no perfil de seus estudantes devido às políticas afirmativas, resultando em uma maior diversidade no corpo discente e nas discussões acadêmicas. No entanto, essas mudanças também trouxeram à tona as diferentes

histórias, vulnerabilidades e formas de integração ou exclusão social dos alunos. Muitos desses desafios são exacerbados pela lógica neoliberal presente nas instituições universitárias.

Seis dos sete entrevistados destacaram a elevada exigência acadêmica da Unicamp, especialmente em comparação com seus ensinamentos médios anteriores. As principais dificuldades apontadas incluem a quantidade de leitura e o ritmo acelerado das aulas, que frequentemente resultam em baixa autoestima intelectual. Um dos entrevistados revelou: "Parecia que eu não tava me encaixando em nada... eu me sinto muito burra nas aulas...". Estudantes oriundos de escolas de periferia enfrentam maiores desafios em se organizar e acompanhar as aulas, sentindo-se muitas vezes inferiores aos colegas que tiveram acesso a escolas e cursinhos particulares.

A pressão pelo coeficiente de rendimento (CR) e a cultura de competição na Unicamp têm um impacto direto na saúde mental dos estudantes. Um entrevistado comentou: "A forma como toda a nossa vida acadêmica é basicamente reduzida ao CR... isso gera um clima de competição muitas vezes". A busca constante por um desempenho superior reflete os princípios do neoliberalismo, que responsabiliza o indivíduo por seu próprio sucesso ou fracasso.

A lógica individualista também afasta os estudantes de ações coletivas e de apoio

mútuo, como evidenciado pela fala de um estudante: "Às vezes, a gente tem que se auto convencer que as coisas que a gente está fazendo são importantes". Este ambiente competitivo gera sentimentos de insuficiência e desmotivação, levando alguns a abandonar a pesquisa acadêmica e desistir de seus objetivos de carreira. Uma entrevistada compartilhou: "Desisti de tentar uma IC porque nesse ano meu CR vai diminuir...".

A ansiedade e o desespero são manifestações comuns do sofrimento psíquico entre os estudantes. A pressão acadêmica e a percepção de que a universidade não é acolhedora agravam esses sentimentos. Um entrevistado revelou: "Quando eu tinha uma prova, eu chorava muito e eu ficava desesperada...". A falta de acesso a serviços de saúde mental, como o SAPPE, e o processo seletivo extenso e complexo do SAE contribuem para o agravamento do sofrimento psíquico dos estudantes, especialmente aqueles de famílias de baixa renda.

A pesquisa revela a necessidade de a Unicamp adotar medidas para combater a reprodução da lógica neoliberal e promover um ambiente mais justo e inclusivo. Investir em serviços de saúde mental acessíveis e desenvolver políticas que promovam a equidade são essenciais. A universidade deve formar cidadãos críticos e conscientes, construindo um ambiente que promova a saúde mental e o bem-estar de todos os estudantes.

Além disso, a investigação das práticas do "comum" na Unicamp mostra que a universidade também pode ser um locus de resistência à lógica neoliberal. Coletivos estudantis e entidades promovem a solidariedade e a colaboração, desafiando a individualização e a competição. A diversidade presente nesses espaços é fundamental para construir um ambiente mais inclusivo e solidário. A horizontalidade e a democracia são princípios fundamentais, como evidenciado pela fala de um estudante: "Entre as pessoas que se engajam rola uma certa horizontalidade... todos discutem, tomam decisões, priorizam e agem conjuntamente".

Essas práticas coletivas são fundamentais para a saúde mental dos estudantes, oferecendo um sentimento de pertencimento e combatendo a solidão. A presença dessas práticas na Unicamp demonstra que a universidade não é apenas um espaço de reprodução da lógica neoliberal, mas também um local de resistência e transformação social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa confirma a hipótese de que a lógica neoliberal, com sua ênfase na competição e na responsabilidade individual, contribui significativamente para o sofrimento psíquico dos estudantes da Unicamp. As exigências acadêmicas elevadas e a cultura competitiva agravam a sensação de insuficiência e ansiedade, especialmente entre aqueles com menos recursos e suporte prévio. As práticas do comum, manifestadas através dos coletivos estudantis e entidades, mostram que a universidade também pode ser um espaço de resistência e solidariedade, promovendo a saúde mental e o bem-estar dos estudantes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDIFES e FONAPRACE. **Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras**. Brasília: Andifes, 2018.

AZEVEDO, P. et al. **A pesquisa qualitativa e o uso de entrevistas semiestruturadas: considerações teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2017.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI.** São Paulo: Boitempo, 2017.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** Tradução de Fernanda Medeiros. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

GUAZI, A. **Entrevista qualitativa: um caminho para o entendimento profundo.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 36, n. 105, p. 245-260, 2021.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público.** Tradução de Rejane Janowitz. São Paulo: Boitempo, 2019.

MANZINI, E. **Análise de conteúdo: uma abordagem metodológica.** Brasília: Liber Livro, 2004.

RODRIGUES, F. et al. **Saúde mental de estudantes universitários.** São Paulo: Editora Acadêmica, 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VINUTO, J. **A técnica de amostragem por bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.